

«O TEMPO E O MODO» N.º 59  
Provas enviadas à Censura em  
5 de ~~...~~ de 1968

1  
45



# Jorge de Sena, Uma Canção de Camões

PORTUGÁLIA EDITORA, LISBOA 1966

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

Raras vezes, num país pequeno como o nosso e apesar das frases consagradas e apressadas das dedicatórias, cabe um sentimento grande, como a admiração. E a alegria que a acompanha. Este livro de Jorge de Sena, nas suas 562 páginas, é um mundo, vasto mundo. Nós bem o submetemos à prova. Lêmo-lo junto ao mar, no verão passado, e relêmo-lo agora, aproveitando o regresso momentâneo aos mesmo lugares. E não podemos deixar de admirar e de invejar, numa inveja que nos comove.

Perante este livro, a atitude mais fácil, que nós já vimos perfilhada, seria o espanto pela vastidão da cultura e a pertinência da análise de Jorge de Sena a par do repúdio de todas essas páginas em que se traduz a adopção, aliás pessoalíssima, do método estatístico. Não nos parece que *lá fora*, esse *lá fora* sempre acenado pelos que vivem e no fundo se ficam cá dentro, o método esteja em regressão. Tudo depende da maneira de o aplicar. Ainda o ano passado nos chegou da França um livro estimulante de Jean Gohen, *Structure du langage poétique* e nele recorre-se à estatística. E não é de admirar

esse recurso uma vez que, como bem aí se observa, a estilística é a ciência dos desvios linguísticos e a estatística a ciência dos desvios em geral; é pois permitido aplicar à primeira os resultados da segunda.

E para Jorge de Sena a adopção do método fica legitimada uma vez que a estruturalidade estatística é considerada a realidade actual do mundo. Nas considerações preliminares, perfilha uma crítica superativa de cariz onto-sociológico e «uma crítica onto-sociológica é pois, e antes de mais nada, metodologicamente estatística». E, no caso de Camões, esse tipo de crítica é particularmente indicado, porque ele «vivía num tempo em que ainda se não cindira a unidade das ciências (como especulação simbólica) e das letras (como transcrição estética e humana daquela simbologia.)»

O gosto e a experiência de cada um, embora necessariamente em crítica, já não são suficientes. O gosto e a experiência devem poder transmitir-se impessoalmente. Para isso, a crítica deve revestir-se da máxima objectividade possível. E Jorge de Sena dá-nos o

«O TEMPO E O MODO» N.º 59  
Provas enviadas à Censura em  
9 de ..... de 1968

brasileira, e dirigir teses de doutoramento em literatura de língua portuguesa. Após dois anos como «visiting professor», ffoi nomeado catedrático do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Wisconsin, ou seja, na terminologia americana, «full professor with tenure». Nos Estados Unidos, tem feito conferências em diversas universidades; e falado ante agremiações de cultura. Foi eleito em 1966. académico da Hispanic Society of America, e é membro da Modern Languages Association e da Renaissance Society of America. No Brasil, teve bolsas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, para as suas investigações camonianas. Têm-nas recebido também de instituições americanas e da sua Universidade. E, no Brasil, nasceram-lhe mais dois filhos — espera o cast que, nos Estados Unidos, lhe não nasça mais nenhum.

Participação em congressos técnicos ou literários, secretarias de alguns deles, quasi trinta anos de colaborações dispersas em jornais e revistas, eis o que é impossível resumir mesmo brevemente num currículo como este, sendo de destacar a acção como crítico literário em **Mundo Literário**, como crítico teatral na **Seara Nova** e na **Gazeta Musical e de todas as Artes**, e como conferencista sobre cinema nas secções do Jardim Universitário de Belas Artes, além dos artigos que publicou em **O Primeiro de Janeiro** e em **O Comércio do Porto**. Poemas de Sena estão traduzidos e publicados em espanhol, francês, inglês, alemão, croata e lituano.



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

18

«O TEMPO E O MODO» N.º.....<sup>59</sup>

Provas enviadas à Censura em

9 de ..... 4 ..... de 1968

## O DÓLAR, O VIETNAME, O GENERAL E JACQUES TATI



O barómetro baloiça.

Se a desvalorização da libra esteve para o dólar como o Médio Oriente esteve para o Vietname, se no Vietname um equilíbrio se desequilibra, se no dólar se desconfia duma confiança, se o dólar é o umbigo da economia como o Vietname é o umbigo da política, se uma se defende na outra e a outra se defende na uma, se defender um não é defender o outro — é então perfeitamente que à confiança no equilíbrio dos desequilíbrios se substituam as várias desconfiâncias.

No General De Gaulle a confiança desconfia.

Enquanto em Johnson a economia se serve (com perplexidade) da política em favor de si própria, no General De Gaulle a política serve-se da economia contra si própria. Ou: o gaulismo volta a ser a revanche da política sobre a economia triunfante, a memória de Verdun no coração do dólar exchange standard. A memória armada, o pesadelo. O défi da política ou o défi possível da Europa(nostalgia). Se a

Europa das pátrias não é alternativa para a Europa dos patrões, é a alternativa (do passado) para a política da economia — a política política de mãos limpas para a economia(-ouro) ser ou não ser.

Em (Jacques Tati-) Play time, a memória da tropa face aos drugstores e aos turistas americanos (antes de Johnson, Janeiro de 68) ou a forma do gaulismo ser no cinema.

Monsieur Anlat, o General De Gaulle dispara contra o dólar a arqueologia do dólar.

Mononcle, Jacques Rueff, economista-arqueólogo de antes da primeira grande Guerra, vivo e aconselhando De Gaulle em 1968, De Gaulle para os assuntos monetários, investe contra Reynes — Reynes falando em Triffin, no sistema de saques especiais, no esquema de uma facilidade (Rio de Janeiro, Setembro de 67)...

A investida da confiança contra a confiança.

Saigão não dorme. O dólar treme. O Vietcong desceu aos mercados.

ALBERTO COSTA

~~39~~ 40

«O TEMPO E O MODO» N.º 53  
Provas enviadas à Censura em  
10 de ..... 4 ..... de 1968

#### IV — A sua mudança de residência...

Creio que respostas anteriores já responderam parcialmente a esta pergunta. Mas, quanto a revisões culturais, devo acrescentar algumas precisões. Eu costumo dizer, por piada, que Portugal não se salva, enquanto todos os portugueses não forem obrigados, por lei, a fazer um estágio de alguns anos no estrangeiro, mas proibidos de encontrarem-se uns com os outros. Esta proibição é da maior importância, para impedi-los de assarem colectivamente sardinhas, cozerem bacalhau com fervor nacionalista, ou trocarem sôfregamente as últimas novidades do Chiado. Viverem no estrangeiro, não como emigrantes em «colónias», agarrados uns aos outros, mas no meio do estrangeiro, aprendendo a língua e integrando-se nos costumes o suficiente para saberem que ninguém sabe da existência deles — o que, com ser uma injustiça, é uma tremenda verdade. Enquanto Portugal não aprender a sair de si mesmo e do seu isolamento glorioso, não haverá possibilidade de lutar-se contra a ignorância e a incompreensão do mundo. De resto, o mais triste e a maior lição é descobrir-se que, para defender Portugal, é preciso saber dele muito mais do que os portugueses sabem, e que quâse todos os portugueses, no estrangeiro, passam pela vergonha cultural de os lusófilos



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

57

«O TEMPO E O MODO» Nº 59  
Provas enviadas à Censura em  
...do de ..... 4 ..... de 196.8

IX — Os seus quatro sonetos...

Não, na verdade não os acho desligados do esquema evolutivo da minha poesia. Muito pelo contrário. Pois se me apareceram, e com uma força que a própria malevolência não pode negar-lhes, como estariam desligados? Não foram, e não são, uma experiência isolada; se os publiquei juntamente com os poemas de *Metamorfozes*, aliás como expliquei no posfácio deste livre, foi porque me surgiram em conexão íntima com esse ciclo de poemas, com os quais possuem grandes afinidades de intencionalidade *visual*. Cumpre-me informar que possuo vários outros poemas explorando a mesma linha de «dessignificação semântica» — apenas não fazia sentido, como com aqueles sonetos, incluí-los naquele especial livro. No entanto, há que acrescentar uma explicação adicional em relação àqueles sonetos, no quadro dessas experiências: eles não são apenas isso, como outros poemas meus do mesmo tipo o são, mas experiências também de poesia violentamente erótica, de uma violência que não creio possível, directamente, sem pornografia. A descrição de diversas variedades de actos sexuais está no extremo limite das possibilidades da expressão literária enquanto tal. Uma «dessignificação semântica», pelo uso de um vocabulário cuja formação se baseia em associações sugestivas com outras palavras ou ideias, permite aquela des-



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
AUTORIZADO COM  
CORTES

68

crição com uma nobreza expressiva que é impossível de outro modo. Sob este aspecto, ainda mais esse sonetos compendiam uma das linhas maiores da minha poesia, que não tem sido muito notada, suponho eu, e que é a do erotismo e da sexualidade.

Quanto à pergunta de se esses sonetos poderiam ter sido escritos sem o contacto directo com os concretistas brasileiros, não creio que alguém se lembrasse de a fazer, se os sonetos não tivessem sido publicados na revista deles, *Invenção*. Deus meu, não fui eu sempre um modernista de vanguarda, precisamente acusado de estar a par de tudo o que se fez neste mundo? Em que precisava eu de conhecer pessoalmente os concretistas, e de estimá-los pessoalmente, para escrever tais sonetos? Não estão eles muito mais na linha de Joyce e do surrealismo, do que dentro da genealogia do concretismo, ou que este estabeleceu para si mesmo? De resto, o concretismo assenta sobretudo na ideia de recusa ao discurso poético e na do valor das palavras fora de um contexto sintáctico. Ora, precisamente aqueles meus sonetos são, cada um deles, um discurso sintácticamente coerente. Qualquer professor de liceu pode neles dividir as orações, procurar o sujeito, o predicado, os complementos... Explicá-los, sem arriscar-se a um processo disciplinar, é que é uma outra questão. Mas não há necessidade disso, ou



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

«SERVIÇOS DE CENSURA» N.º 57  
Provas enviadas à Censura em  
10 de Setembro de 1968

ela não deveria ser sentida —  
aqui é para ser entendido *tal qual*.  
Se as pessoas são ou pretendem  
ser tão «puras» e tão inocentes que  
não entendem os sonetos, tanto  
pior para elas, que perde a oportu-  
nidade de se iniciarem em alguns  
prazeres que não conhecem...



#### X — Que trabalhos...

Isso é uma lista interminável. A poesia, por exemplo, não se absorve nem me ocupa — quando um poema me acontece escrevo-o ou deito-o fora, conforme o acho feliz ou infeliz quanto à expressão. Nunca na minha vida me livreli do complexo surrealista sob cujo signo me formei, e nunca «trabalhei» um poema, para lá de emendas de pormenor, ao copiá-los para publicação. Este ano e talvez no próximo, sairão dois livros de poemas: um é uma outra série de «metamorfoses», estas sobre música, outro a colectânea de poemas escritos contemporaneamente às duas séries de metamorfoses, e que não fazem parte desses ciclos. Quanto à ficção, estou absorvido com a conclusão de um romance, *Sinais de Fogo*, primeira parte de um vasto ciclo que não sei se chegarei a escrever. Este volume, de que estão escritas 400 páginas, trata apenas de alguns meses do ano de 136; e o plano geral do ciclo pretende cobrir, através das experiências de um narrador, a vida portuguesa

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 59  
Provas enviadas à Censura em  
10 de 4 de 1968

desde 1936 a 1959. Parece que, segundo a opinião de alguns amigos que lera mo original, se trata de uma «grande coisa». Pouco me importa que o seja ou não: é, como os contos inéditos de *Os Gão-Capitães*, um livro de uma franqueza total que não recua perante coisa alguma. Não é, porém, nem ainda, as minhas «confissões de Jean Jacques Rousseau». Quanto à erudição e à história literária (e também à análise estética), estou sobretudo empenhado na conclusão do original do 2.º volume dos seus *Estudos de História e de Cultura*, que estão em publicação, desde 1963, na revista *Ocidente*, e cujo 1.º volume será de 600 páginas será lançado em breve. O 2.º só concluirá a sua publicação nas páginas da revista, em fins do corrente ano, ano, e trata sobretudo de escritores portugueses e espanhóis do século XVII. Depois desta obra monumental, que contem muitas revisões críticas e eruditas que todavia não despertaram ainda a atenção dos ilustres repetidores nacionais de história da cultura, estou ocupado com algumas coisas mais. Um estudo sobre as ideias do P.º António Vieira, especialmente dedicado aos patrioteiros de Portugal e do Brasil. Este estudo levou-me a um outro em vias de conclusão: uma cronologia crítica dos seus sermões, que quâse todos consigo localizar e datar, corrigindo do mesmo passo alguns erros que se perpetuam nos chamados donos de Vieira. Outro



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

71



maior responsabilidade está em que sem expressão, a consciência humana não existe ou não é comunicável. E, se ao poeta, por especialização individual, é dado manifestar estados de consciência e de vivência, tanto mais essa responsabilidade se apura, num mundo que perdeu toda a noção pública de pudor, de decência, e de verdade. Entendam-se aqui pudor e decência, não num sentido físico ou sexual (em que toda a liberdade é pouca, e toda a decência é excessiva), mas num sentido moral.

### XIII

— Esses quarenta objectos, mais o gira-discos e o projector de filmes (sem o que vinte deles não teriam significado), fariam a ilha muito pouco deserta...

Mas enfim. Dez filmes: *Limelight*, de Chaplin, *Zorba*, de Cacoyannis, *Oito e meio*, de Fellini, *Blow-up*, de Antonioni, *Persona*, de Bergman, *Les Enfants du Paradis*, de Carné, *Rocco e i suoi fratelli*, de Visconti, *The Quiet Man*, de John Ford, *Umberto D*, de De Sica, *Cittizen Kane*, de Orson Welles — isto para não levar filmes muito velhos comigo. Dez discos... entende-se *long-playing*, não é verdade? E obras em mais de um disco, por certo. Pois levava *A arte da fuga*, de J. S. Bach, na orquestração de Scherchen; *Turandot*, de Puccini.



SERVÍÇOS DE CENSURA  
(SÉ DE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

81



«O TEMPO E O MODO» N.º 59  
Provas enviadas à Censura em  
10 de 4 de 1968

Gide, a *Guerra e Paz*, de Tolstoi, as poesias de Catuão, as *Fleurs du Mal*, de Baudelaire, os ensaios de Montaigne, e o romance mais pornográfico que encontrasse na ocasião, desses que, na América, se escrevem e publicam para todos os gostos.

Madison, Wisconsin, USA, 15 de Fevereiro de 1968.

Jorge de Sena

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO COM  
CORTES

83

«O TEMPO E O MODO» N.º 83

Provas enviadas à Censura

15 de 4



*Teseu, o herói e, como todos os gregos heróicos, um filho da p...,  
riu-lhe no focinho respeitável.*

*O Minotauro compreender-me-á, tomará café comigo,  
[enquanto*

*o sol serenamente desce sobre o mar, e as sombras,  
cheias de ninfas e de efecos desempregados,  
se cerrarão dulcíssimas nas chávenas,  
como o açúcar que mexemos com o dedo sujo  
de investigar as origens da vida.*

### III

*É aí que eu quero reencontrar-me de ter deixado  
a vida pelo mundo em pedaços repartida, como dizia  
aquele pobre diabo que o Minotauro não leu, porque,  
como toda a gente, não sabe português.*

*Também eu não sei grego, segundo as mais seguras  
[informações.*

*Conversaremos um volapuque, já  
que nenhum de nós o sabe. O Minotauro  
não falava grego, não era grego, viveu antes da Grécia,  
de toda esta merda douta que nos cobre há séculos,  
cagada pelos nossos escravos, ou por nós quando somos  
os escravos de outros. Ao café,  
diremos um ao outro as nossas mágoas.*

90

Provas enviadas à Censura em

25 de ..... 4 ..... de 1968

— Vamos embora. Não te faças engraçado. Acaba com isso.

Enquanto o sargento segurava a camisa, o rapaz desaperçou os punhos, e, ao separar-se do pano cinzento, os braços pendiam-lhe, longos e brancos, ao lado do corpo, de uns ombros em que a ponta das omoplatas se espetava, tal como as clavículas, levantando para a frente as calças da camisola interior, se salientavam acima do peito, de que, no decote da camisola, surgiam, a meio, ens pêlos esparsos e húmidos como os das canelas.

— Uma camisola interior — disse o sargento, e atirou com a camisa para junto das calças.

Num arrepanhar de orelhas que quase iam atrás da camisola, o rapaz despiu-a, e o tronco dele, juvenil e translúcido, era um desenho de costelas até ao cavalo da cintura, sem mais pêlos afinal que aqueles que o decote havia revelado. Abaixo do umbigo escuro e ligeiramente saliente, as cuecas brancas escorregavam e escondiam já o aguçado dos joelhos.

— Um par de meias — disse o sargento, e atirou com a camisola para o monte da outra roupa.

O rapaz, numa atrapalhão de equilíbrio que era aumentada pela preocupação de, ao alçar as pernas, manter fechada a fenda das cuecas, começou a descalçá-las.

— Não te aflijas de mostrar os pertences — comentou o sargento — que eu e o nosso tenente já temos visto muitos. A não ser que não tenhas que mostrar. — E recebeu na ponta dos dedos o par das meias que mantinham alargadamente a forma dos pés que, espalmados e encordoados, não pareciam pertencer ao corpo franzino apoiado neles e que tremia levemente em vagas sucessivas percorrendo-o arripiadamente do pescoço aos tornozelos, com retornos de ressaca ao pescoço, cujos tendões ondulavam abaixo da queixada que, essa, tinha um tremor contínuo de que os dentes aguçados e amarelos ressurgiam entre os lábios afastados.

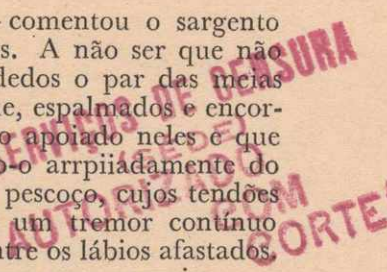
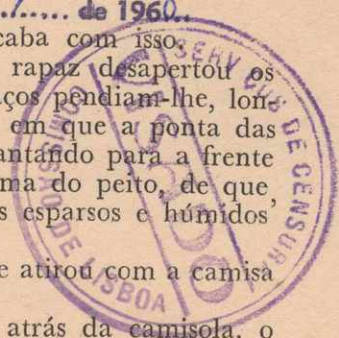
— Um par de cuecas — disse o sargento, e atirou com as meias.

O rapaz levou as mãos aos botões, mas hesitou.

O tenente e o sargento, com um sorriso malicioso, entreolharam-se. E o tenente disse, apalpando o queixo: — Tens vergonha dos outros homens? Volta-te para a parede, que talvez não tenhas vergonha de apresentar o cú... O sargento gargalhou de leve; os olhos do rapaz, pela primeira vez, fuzilaram de raiva logo contida; o tenente insistiu: — Então, vamos lá a mostrar isso.

Como que vinda de outro corpo que não estivesse ali, rouca e trémula, a voz do rapaz surgiu no meio deles: — Eu não tenho vergonha... É que eu... Eu não podia ficar com as cuecas?... Nunca tive cuecas... Se são para queimar... Eu não podia ficar com estas cuecas?

No silêncio que se seguiu, a voz ressoou ainda num timbre prolongado e arrependido, como se fosse um besouro às cabeçadas pelas paredes, ansioso de escapar-se da sala. O sargento fitou longamente o rapaz que baixou os olhos e cujas mãos ensaiaram contracções desgovernadas e mesmo chegaram, de dedos recurvos, a aproximar-se dos botões das



104

Provas enviadas à Censura em

25 de 4 de 1908

cuecas. O tenente recostou-se na cadeira, levantou-se, meteu as mãos nas algibeiras dos calções, acomodou e coçou os órgãos, ajudando-se de uma ligeira flexão dos joelhos. Ao longe, um apito de locomotiva repercutiu. A guarda, rendendo as sentinelas, pisou cadenciadamente o saibro da parada. E, enfim, o sargento disse: — Que é que tu julgas que isto é? O socorro Social? O Pai Natal? Ahn?

— Só faltava isto! — exclamou o tenente. — Olha, sabes que mais? As cuecas até atrapalham. Quando queres deitar as calças abaixo, ainda tens as cuecas para deitar também. E, quando quiseses tirar o pau para fora, sem cuecas ele sai mais depressa.

O sargento sorriu, e acrescentou: — Para que precisas tu de cuecas? Se nunca tiveste cuecas, para que vais tu precisar de cuecas?

O rapaz cabisbaixo, imóvel, e a respiração desenhava-lhe as costelas. Depois, num movimento rápido, desapertou as cuecas, despiu-as num raro equilíbrio decidido, empurrou-as com um pé para o lado do sargento, e ficou nú, coçando, com um gesto insolente, os testículos que pendiam flácidos, atrás de um membro que descia de um tufo de pêlos crespos e ruços que não alastravam para o pubis. A seguir, endireitou-se, numa pose erecta que lhe retraía a barriga e encurvava as nádegas rentes à parede, e fitou o tenente com um olhar firme sobre que as sobrancelhas tremiam imperceptivelmente.

O tenente baixou os olhos para as cuecas que eram no chão um farrapo enxovalhado. O sargento, com um pé, e sem olhar nem o rapaz nem o tenente, empurrou-as para junto da outra roupa. O tenente voltou costas, dirigiu-se à janela, e disse: — Podes vestir a tua roupa. E, quando o rapaz, com passos que mantinham uma segurança elegante que era suor perlado-lhe na testa e fazendo brilharem-lhe as olheiras, atravessava a sua nudez por diante do sargento e começou a vestir-se, o tenente, sem olhá-lo, dirigiu-se à porta e, antes de sair, disse ao sargento: — O senhor, amanhã, faça o auto de incineração dessa roupa, para eu assinar. — E sob os passos dele rangeram e estalaram os degraus da escada.

Enquanto o rapaz se vestia e calçava as alpargatas, o sargento foi anotar no livro, curvando-se sobre a mesa, a entrega das peças de roupa. Ao terminar, o rapaz estava vestido, de pé no meio da sala, e, dentro da roupa coçada e suja de sangue, perdera o aprumo instantâneo que passara nele: era um pobre de peito encolhido, cabeça baixa, arquejante, humilde.

O sargento disse: — Agora é noite, as manchas não se vêem. Onde é que tu moras? Que a tua guia diz que és do Porto.

— Em Gaia.

— É longe, tens de atravessar a cidade toda.

B rapaz não respondeu.

— Como é que vais para casa?

— Como hei-de ir?... A pé.

— Nesse estado, nunca mais lá chegas. — Procurou no bolso das calças, tirou o porta-moedas, escolheu algumas, estendeu-lhas. — Toma, para os carros eléctricos.

«O TEMPO E O MODO» N.º 55

Provas enviadas à Censura em  
19 de ..... de 196...



MITTERRAUD, A MODA E O  
GOLPE DE ATENAS

Numa reunião departamental da F. G. D. S., em Côte-d'Or, 31 de Março, François Mitterraud declarou

*«A moda já não está no «Golpe de Praga» mas no «Golpe de Atenas», e, se o poder recorresse a um golpe de força para não reconhecer a vitória da oposição em próximas eleições, os republicanos saberiam responder.»*

Quando o dirigente social-democrata francês exclui o «Golpe de

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

142

Praga», implicitamente está a optar por um «terceiro golpe» — o seu — ao dizer que «os republicanos sabiam responder». Mas será esse «terceiro golpe» — da «oposição» — efectivamente possível sem a contribuição do «Golpe de Praga»? Parece-nos que não. Por outro lado, resta saber se «Praga» estará mesmo decidida a dar o «golpe». E, para o caso de o dar, se será o «inteiro» ou o «terceiro». Ou nenhum.

Por enquanto, «Atenas» segue em prioridade. E Jaros. Até quando?

J. G.

#### O CONSELHO NACIONAL DO P. S. U.

30 e 31 de Março. Do Palácio dos Congressos de Versalhes, o Conselho Nacional do P. S. U. (9.987 filiados em fins de 66, 11.599 em fins de 67) debate questões de dinâmica partidária, a relação entre partidos e sindicatos, a crise do emprego, o início de um diálogo com a esquerda, a defesa dos direitos sindicais, a declaração conjunta P. C.-F. G. D. S. de 24 de Fevereiro, o imobilismo da esquerda tradicional, enfim, o socialismo europeu. E o mais.

O isolamento do P. S. U. acentuou-se desde 65 com a decisão de apresentar uma campanha pessoal às eleições presidenciais e de não apoiar o candidato da esquerda. Já



1243

razão de que a queríamos fazer. E a queríamos fazer pela boa e simples razão de que sabíamos que era tempo e mais que tempo que alguém a prestasse, dentre aqueles que sabem e têm o privilégio de serem contemporâneos de Jorge de Sena

Sabemos que muita gente e boa gente dará um salto ao ler estas linhas, mas contra esses apostamos no salto que os filhos deles darão ao saber que tal salto foi dado. Ou seja, perfeitamente sabemos que um número sobre Jorge de Sena aparecerá tão disparatado quanto pareceria aos contemporâneos de Camões um número sobre Camões ou aos contemporâneos de Pessoa um número sobre Pessoa. E mais sabemos que estas comparações são tão irritantes como justas. E anda que não foi em vão nem por acaso que empregamos este adjetivo: con sagrado um número a Jorge de Sena, O TEMPO E O MODO mais não faz que ser justo. Se esta palavra não estivesse tão gasta, saberíamos que isso, que talvez não sea muito, não é com certeza pouco.

Assim, o leitor encontrará neste número três ensaios focando em Jorge de Sena o poeta, o prosador e o dramaturgo Assinam-nos: António Ramos Rosa, Eduardo Lourenço e Luís Francisco Rebello; inéditos em poesia e prosa do Autor; uma extensa entrevista que é um documento único; depoimentos de vários poetas e ensaístas, principalmente da geração de Sena ou das gerações mais novas; críticas aos seus últimos livros. Se alguma coisa lamentamos é que o leque dos depoimentos não seja mais vasto: mas aí a culpa não foi nossa, como se verá comparando a lista dos inquiridos com as respostas. E não deixa de ser ilustrativo.

Completa o número a nossa habitual secção de Actualidade Crítica: a Checoslováquia no momento das opções difíceis, Bob Kennedy mistificador necessário, Johnson na hora da talvez desistência, o assassinato de Luther King, Nixon e a violência, a «real política» de Paulo VI ainda e sempre o Vietnam. Passando (ou perpassando), também ainda e sempre, por assuntos mais caseiros. O possível...

No seu conjunto, um número de adesão mais que duvidosa, mas que mais do que certamente um dia nos será lembrado. E agradecido

TERMO — FERREIRA



«O TEMPO E O MODO» Nº 59  
Provas enviadas à Censura em  
9 de 4 de 1966

Rimbaud e as interpretações expostas poderiam ter na pureza virginal das suas ovelhas. Salvo erro, o director em questão é hoje o cardeal-arcebispo de Bombaim. De Outubro de 1940 até Novembro de 1944 (quando fez os últimos exames do seu curso), viveu Jorge de Sena sempre no Porto, com excepção de vindas a Lisboa pelo Natal e pela Páscoa, das férias grandes de 1941-41 (passadas num estágio de topografia nos arrabaldes de Lisboa), e do 1.º ciclo de oficiais milicianos que foi chamado a fazer apesar de demitido da Marinha, no verão de 1942 em Penafiel, e do 2.º ciclo do mesmo curso militar que fez em Tancos, no verão de 1943. No ano lectivo de 1942-43, teve de abandonar os estudos no Porto e de ficar em Lisboa, por doença grave que era também fome. Alguns aspectos da sua vida no Porto aparecem nos poemas de **Coroa da Terra**, que são desse período, assim como no conto «A Campanha da Rússia» do volume **Andanças do Demónio**. Experiências do curso de milicianos em Penafiel são dramatizadas no conto **As Ites e o Regulamento**, do volume inédito **Os Grão-Capitães**. Outras experiências militares aparecem em outros contos desse mesmo volume, e reportam-se ao serviço como oficial miliciano que, em 1944, levou o autor aos Açores. Em 1945, Sena começou a exercer a profissão de engenheiro, tendo sucessivamente servido na Câmara Municipal de Lisboa, na Direcção Geral dos Serviços de Urbanização e na Junta Autónoma de Estradas, tendo entrado para o quadro deste último organismo, de que se separou ao fixar residência no Brasil em 1959. Após uma longa agonia que consumiu o que a família tinha e não



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

15

«O TEMPO É O MODO» N.º 59  
Provas enviadas à Censura em  
... de ... de 1968

tinha, seu pai morreu em 1944, e a avó materna oito dias depois. Os anos de 1944 e de 1945 foram extremamente difíceis, na sequência de dificuldades que já vinham dos anos anteriores, com as dívidas acumuladas da família. Artigos e traduções procuraram equilibrar o orçamento doméstico, dado que Jotge de Sena não deu à engenharia mais que as suas obrigações de funcionário, para manter-se livre como escritor que não teria tempo ou oportunidade de ser de outro modo. Casou em princípios de 1949, com quem é hoje a Sua Mulher, e que conheceu no Porto em 1940, mas que só começou a namorar em 1944. De 1949 a 1959 nasceram ao casal sete filhos. Esta prolífica loucura não teve nada que ver com quaisquer preconceitos de ordem religiosa — simplesmente aconteceu. Em 1953, o casal mudou-se para uma casa do Bairro do Restelo, onde a mãe de Sena, que não acompanhou a família na ida para o Brasil, faleceu em 1967. Só em 1952, após as viagens de 1937 e a ida aos Açores em 1944 (mas após sete anos de conhecer Portugal de ponta a ponta, como engenheiro da J. A. E.), é que Sena saiu de Portugal para a Europa, numa viagem a Inglaterra. Dessa época em diante viajou muito por Espanha, e em 1957 voltou a Inglaterra, tendo também então visitado a Bélgica e estado em Paris. Em Agosto de 1959, Sena convidado a tomar parte no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, pela Universidade da Bahia e pelo Governo Brasileiro, partiu para o Brasil onde aceitou ficar como catedrático contratado de Teoria da Literatura, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, no Estado de São Paulo, experiência



**SERVIÇOS DE CENSURA**  
**(SÉDE)**  
**AUTORIZADO COM CORTES**

16



Armando da Silva Carvalho

1) Até há relativamente pouco tempo Sena poeta era para mim uma espécie de escritor estrangeiro. Em primeiro lugar subsistia em mim um enorme parti pris contra aquela linguagem ora hista, com ressaibos de filosofia religiosa, famílias inglesas, aparentada do Eliot, ora atravessada no caminho do surrealistas com coiss de todos os dias pelo meio.

Não aderiria porque eu andava nessa altura muito apressado, ou melhor, faziam-me andar. E não me davam tempo a que demorasse a vista e ampliasse os meus esquemas poéticos.

Fugia do que eu considerava ou me obrigavam a considerar uma confusa dissertação sobre essências, trabalhismo britânico, iluminações e Arte Poética.

Confesso que só há muito pouco tempo comecei a ler Jorge de Sena poeta e devo-oa ainda a ele, a Sena ensaísta. Sena ensaísta que, talvez devido à sua formação científica de base, consegue falar de literatura como poucos o fizeram ou fazem em Portugal: lúcido, apoiado em leis e talvez para bem dele e de todos nós, receando sempre ser um produto absoluto da Cultura.

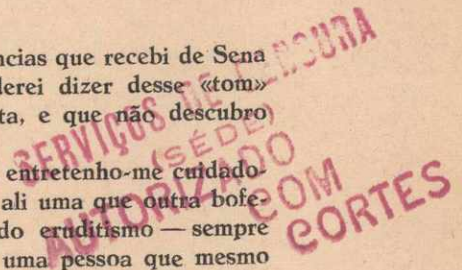
Então aquele que eu considerava estrangeiro surgia com uma qualidade nova: a do europeu alarmado as filas de carros de bois que nos remansosos prados lusitanos ainda conseguem erguer litanias à sua anacrónica chiadeira.

Actualmente, Sena segue a via tradicional do emigrado, da epístola rebarbativa, do sarcasmo salutar que vem de fora mas que conhece até à saturação o que vai cá por dentro. Aproveita-se de uma respeitável distância para elaborar resumos minuciosos, análises ponderadíssimas. E fala de tudo, empenhando-se em tudo. Alarma as esquerdas escandalosamente honestas e porque estas nunca conseguiram apanhá-lo em flagrante delito de uma confissão ideológica. E em relação à direita é o que todos sabemos.

Mas não tenho grande relutância em considerá-lo um dos futuros grandes organizadores de qualquer plano de fomento cultural. E isto, apesar de tudo, está longe de ser depreciativo. Embora não pareça.

b) Do que disse atrás pode inferir-se que as influências que recebi de Sena poeta ainda não dei por elas. Mas o mesmo não poderei dizer desse «tom» especial que sempre lhe descobri enquanto Sena ensaísta, e que não descubro em nenhum outro.

Não será propriamente uma confissão de amor, mas entretenho-me cuidadosamente a lê-lo, a desmembrá-lo, procurando-lhe aqui e ali uma que outra bofetada dada por mão invisível nas bochechas flácidas do eruditismo — sempre que topo com ele em jornal ou revista. Sena tem sido uma pessoa que mesmo falando de uma canção de Camões da forma como o fez, me consegue dar alegria. E isto em Portugal é muito, embora não pareça. Daí o proveito da sua influência.



Handwritten signature and the number 1850.

«O TEMPO E O MODO» N.º 5.7

Provas enviadas à Censura em  
15 de ..... de 1962.



A AMÉRICA NO VIETNAME

Mary McCarthy — VIETNAME

«DOCUMENTOS DE TODOS OS  
TEMPOS» — Liv. BERTRAND  
1968

Os argumentos asiáticos dos Estados Unidos são inúmeros. Há o petróleo, há a borracha, os metais, as especiarias, a mão-de-obra em abundância, em suma: os mercados. Depois, o desejo de evitar que uma potência inimiga — a China — possa alguma vez estender o seu domínio ao vasto continente. Há também, admitamos, a intenção de preser-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

*[Handwritten signature]* 160



var um dado sistema político que se faz cerne de uma entidade para si reivindicada — o abstracto Ocidente. É a economia, pois. Os investimentos, os negócios, a «livre empresa». Mas também, e por isso mesmo, a estratégia e uma curiosa maneira de ser ética.

Destas questões se não ocupa especificamente o livro de Mary McCarthy. Sem que isto, aliás, envolva desde já uma crítica, mas tão só o número mínimo de pressuposições a ter presentes para empreendermos a crítica necessária. E útil.

Hoje acentuadamente, «a política imiscui-se no campo da tecnologia». Nos Estados Unidos, como é natural, e como compete à maior potência tecnológica do mundo. Mas no Vietname, sobretudo, onde ela está empenhada. Onde considerações de domínio são postas à prova e, conseqüentemente, os adversários a fundo os seus instrumentos e arsenais. Dir-se-á, plagiando Keynes, que com a guerra atômica se atingiria o «pleno emprego» dos factores de guerra.

Mas, diversamente do que possa parecer, essa imiscuição da «política» no campo da «tecnologia» caracteriza-se, sobretudo, pela progressiva absorção daquela por esta. Se o nível tecnológico alcançado pelos Estados Unidos é motivo de orgulho para uma nação que ao seu progresso dedicou a maior parte do investimento económico e intelectual, como não acreditar ela na

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

*[Handwritten signature]* 161



eficiência dos seus próprios produtos? Inúmeros são os pilotos americanos interrogados a propósito dos bombardeamentos a populações civis — «como explicar os relatos das vilas e aldeias devastadas? Impossível». As nossas fotografias aéreas deveriam mostrá-lo». (Burchett, no seu livro *Bombas sobre Hanói*, descreve relatos semelhantes).

«A sua fé na técnica pusera estes homens, a seus próprios olhos, acima de qualquer suspeita. Se desconfiassem, dentro em pouco também não acreditariam nos resultados de uma máquina de calcular». «A mesma fé na técnica faz com que a Administração prossiga com a guerra, num desafio a todas as evidências e desaires levando-a a suportar a inventiva americana, não só no campo das armas, mas também no da propaganda». Os computadores de McNamara que não podem prever o imprevisível em termos de «cartões perfurados»; as categóricas afirmações de Westmoreland, face aos jornalistas, nas imediatas vésperas da «ofensiva do Têt», que ele nem de perto nem de longe imaginava. As evidências e desaires.

O interesse da notável reportagem de Mary McCarthy reside sobretudo no revelar a forma como a América se introduziu no Vietname. Da «planificação» militar à «corrupção» nas cidades — «garotos de seis anos, finos como corais, agarram-se a eles (aos GI) para lhes dizer: «Venha ver a minha irmã. É de primeira

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

162



ordem». (O «Pin» do «Atalho dos «Atalho dos Ninhos de Aranha» oferecendo a irmã aos alemães). Ou a «água de fogo» fornecida aos indígenas — «vendedores ambulantes e crianças oferecem tabuleiros de cigarros americanos e grades sobre grades de garrafas de whisky Johnny Walker, Haig & Haig, Black & White». Ou a inflação dos produtos de consumo material — «a venda de «Triumphs», «Thunderbirds», MG», «Corvettes»... alfaiatarias no género das do Oeste, lojas onde se pode mandar fazer limpeza a seco, oficinas de reparação de aparelhos de rádio, de televisão e de ar condicionado, máquinas de escrever». Ou ainda os de consumo intelectual — «livros de histórias aos quadrinhos, as revistas Time, Life e Newsweek, papel para avião... Você pede tudo isto e eles têm-no». Brinquedos para as crianças do Vietname — «grandes canivetes do estilo americano, pistolas e cintos imitando cabedal com coldres...». Não poderemos imaginar como Saigão teria sido «antes». Agora assemelha-se a um gigantesco armazém».

Lá dentro e em torno circula a guerra. Ou melhor, as «duas guerras» — a militar e a civil. «A escolazinha bem arranjada é essencial ao sonho do que o americano está a fazer no Vietname, e também o é para os soldados acreditarem que nas aldeolas vietcong não são autorizadas as escolas». Cada americano engendra o seu universo pessoal à

*163*

«O TEMPO E O MODO» N.º 17

Provas enviadas à Censura em

15 de ..... 4 ..... de 1968



devastação provocada pelos bombardeamentos que ele efectua. A «outra» guerra, de que falou Johnson em Honolulu, é uma plataforma a que cada vez mais se agarram. Começou por ser rigorosamente planificada a computador, e nas Universidades americanas. O Professor Staley, que deu o nome ao plano das «aldeias estratégicas», encarregou-se de dividir o território do Vietname do Sul em «diagramas» de diversas cores, correspondentes à maior ou menor influência exercida pelo vietcong em cada zona. O objectivo: recolher progressivamente a população nos INICIO — CRUZ

«diagrama» favoráveis ou seja, em aldeias fortemente vigiadas e cercadas de arame farpado. Hoje o Professor Staley foi ao anonimato. A eficiência não perdoa. Os métodos alteram-se profundamente.

Agora adoptam-se as táticas do inimigo que provadamente revelaram a sua audiência junto das populações civis. É preciso copiá-las. Em escolas especiais de preparação ensina-se em doze semanas o programa de «Desenvolvimento Revolucionário» (as próprias designações são plagiadas) a grupos paramilitares, que se deslocarão pelas vilas e Ideias (armados) prodigalizando higiene e conselho às populações, citando Mao-Tsé-Toung ou mesmo Ho-Chi-Mihn. Aliás aquela designação teve de ser abandonada recentemente em troca de uma outra — «Construção Rural» — que não

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

164





crie problemas às estatísticas de guerra americanas (cada «construtor rural» morto ou raptado é considerado civil, e o acto vietcong qualificado de monstruoso).

O «americano» permanece onipotente ao lado do computador.

O «americano» permanece onipotente ao lado do computador. O coronel Corson (cujo retrato é o mais notável que Mary McCarthy nos descreve) — inventivo, cauteloso, inteligente, cínico, espirituoso, sardónico, fantasista, vagamente das direitas, acreditando no dólar «*como instrumento da causalidade empírica*» — e que ainda não desistiu de colocar no centro de sua «aldeia-modelo» um pedestal tendo um enorme dólar de bronze («o seu monumento de guerra pessoal»). Cita Lênine — «*esgravatem um camponês e encontrarão um burguês*». Mas tentou provar a Mary Mc Carthy «que o mercado livre era crucial; Marx não compreendera isto». E um outro oficial americano que a propósito das populações concentradas dizia: «*Temos uma audiência cativa! É uma audiência cativa! É a nossa melhor oportunidade!*». Pretendia «*ensinar-lhes economia livre*» e, provavelmente, «quando estiverem «prontos» para isso, Civics 101», Mas a generosidade americana é «o Tio Sam com rebuçados metidos nos bolsos. E, como tantos benfeitores, o Tio Sam é mal compreendido».

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

B 165

«O TEMPO E O MODO» N.º 55

Provas enviadas à Censura em

19 de ..... de 196..8



«...ido».

Como é natural, a técnica de enquadramento das populações evoluiu substancialmente ao sabor da contingência. Os diversos sectores da intervenção americana experimentam sucessivamente novas formas de dealiciação. A CIA, em particular, ocupa-se aí como em outros lados dos *intelectuais* e dos *desertores*. Por um lado, entretém uma «verdadeira afinidade com os exquerdistas e pseudo-esquerdistas de todas as gamas, da mesma forma que com a direita radical». Por outro lado, «trata especialmente os traidores (que, se não são indivíduos sujeitos a vender-se, são usualmente intelectuais) tal como as simbioses entre polícias der-se, são usualmente intelectuais) tal como as simbioses entre polícias e criminosos». (Lembremonosdo Segundo Fôlego de Melville).

É todo este absurdo panorama da intervenção americana, retratado por Mary McCarthy, que gera os fenómenos-limite que diariamente nos provocam a estupefacção. Khe-Sahn — «remender the wlamo!», quase se clamou em Washington na Câmara dos Representantes, homenageando o sacrifício dos «boys» sitiados — ou asuele piloto americano dirigindo num avião «Fac» uma operação de bombardeamentos — «Lá em baixo um vietnamiano isolado, que seguia de bicicleta, parou, olhou para o ar, desmontou, pegou numa espingarda e fez fogo; o piloto deixou-lhe cair em cima toda a carga

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

SP 166

de napalme: o suficiente para arri-  
quilar um pelotão.

A imagem de «maneira de ser  
americana» que «deu este desfigu-  
rado lixo industrial à terra asiática,  
incapaz de o digerir», é tão grotesca  
como pretender encerrar um podo  
sub-desenvoldido e massacrado em  
«aldeias estratégicas», fazendo-o dan-  
çar o aberrante «Yankee Dôôd'le»  
ao compasso das (na) palmas ame-  
ricanas.

A guerra do Vietnam não é um  
fenómeno isolado. Antes, ou com  
ela, já a presença americana se  
fez sentir em outros lados — na  
Indonésia, na Coreia, no Laos, nas  
Filipinas, no Congo, como na Gua-  
temala, na Bolívia, na Colômbia,  
no Panamá, na Venezuela, na Repú-  
blica Cominicana ou na Baía dos  
Porcos. Mas, mais do que qualquer  
outra, a guerra do Vietnam atin-  
giu, por dimensão e por exaustão,  
um relêvo e um significado cujos  
tados pelo tradicional «statu que»  
internacional. Simultâneamente, o  
impasse militar e o impasse polí-  
tico dele decorrente lançaram os  
Estados Unidos no imobilismo que  
o «establishement» americano não  
soube ou não pôde romper. A esse  
imobilismo não é de modo algum  
estranho o progressivo fortalecimento  
de uma nova esquerda, a radica-  
lização dos negros americanos ou  
a crise do dólar (para não referir  
senão os sintomas mais evidentes).



3/167



A consciência desse imobilismo (e o imobilismo em termos políticos chama-se crise) gerou também um movimento de contestação no seio do próprio «poder», que se convencionou designar por oposição «liberal».

O último capítulo («Soluções») da obra de Mary McCarthy dedica-se precisamente à análise da situação política interna nos Estados Unidos por referência à guerra que sustentam. Aqui porém, se no plan analítico a lucidez da autora nos revela o exacto contorno de muitos dos problemas com que se debate o sistema político americano, já as conclusões que apresentam e as soluções que preconiza podem originar um sem número de objecções da nossa parte. Refiramos apenas as questões mais significativas.

Em primeiro lugar, Mary McCarthy revela plena consciência da debilidade da oposição movida pelos liberais (Schlesinger, Goodwin, Galbraith, Fullbright, Kennan e outros). Uma oposição que se radica no conhecimento da crise que o «poder» atravessa («poder» a que essa oposição também pertence) e na constatação de que a permanência no Vietnam (nos termos actuais) não oferece saída possível para a crise. Mas, porque participa no «poder», qualquer outra solução (que por enquanto não encontra) terá que se conter em limites que não ponham em risco a sua própria sobrevivência. Não se trata tanto de uma verda-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

168

deira alternativa política, pois, como de renovados conselhos de *moderação*, lenta *desescalada* e intensificação do *jogo diplomático* com Hanói.

É aqui, porém, que ressurge (ou permanece) o impasse original. As condições mínimas que Hanói exige são precisamente aquelas que reflectem um contraponto inaceitável para o Governo americano. Ou, se quisermos, as que exigem a ultrapassagem dos limites de segurança em que se encerra a oposição liberal. Se bem que ainda seja cedo para lhe adivinhar o alcance, o «dramático» discurso em que Jonhson manifestou a intenção de não se apresentar às próximas eleições e de promover uma ofensiva de paz em grande estilo, situa-se, julgamos, nos precisos termos desse dilema. Apenas se reduziram as áreas de Apenas se reduziram as áreas de bombardeamentos (intensificando-os nas restantes zonas). E se Hanói não repôs categoricamente as suas condições, tal facto muito provavelmente se explica pela *ambiance* (ou *suspense*) internacional meticulosamente provocada em torno das declarações de L. B. J. e que lhe emprestaram um sabor de iniciativa e boa-vontade «elogiáveis» por parte da opinião pública moderada. Um compasso de espera, e a intenção de entabular conversações preliminares onde se discutam os precisos termos de futuras «verdadeiras



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

*[Handwritten signature]* 165



conversações» (e nesses termos poderá por certo voltar Hanii a incluir as suas condições mínimas) não auguram para próximo a paz no Sudeste Asiático. O que não significa que ela não venha a ser obtida ao fim de muitas concessões. Mas até lá, se assim acontecer, permanecerá o círculo vicioso da política interior dos Estados Unidos.

Ora é precisamente desse círculo vicioso, que aliás Mary McCarthy não explora exaustivamente como aqui se pretendeu fazer, que as conclusões apresentadas e as soluções preconizadas não parecem sair. Porque afinal Mary McCarthy é também uma representante típica do «consumidor político» assimilado pelo sistema, apenas no seu âmbito procura as soluções (ou acredita nelas). A objecto de contestação passa assim a ser, não o próprio «poder» ou os seus mecanismos, mas tão só o governo ou, melhor dizê-lo, Lyndon Johnson neste caso, que outra coisa não é senão um producto desses mecanismos (e um dos responsáveis por eles).

Efectivamente, Mary McCarthy concluiu que, muito menos (para concluir que, muito menos (para ela, muito mais) do que apresentar uma solução política alternativa (cuja debilidade tem sido dos argumentos mais utilizados pelos criticados — Rusk, por exemplo, e o próprio Johnson, claro) interessa sim reactivar uma contestação moral que progressivamente isole o governo

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)

170

Provas enviadas à Censura em  
15 de ..... 4 ..... de 1968



levando-o a aceitar a única solução possível. Ora o que escapa a Mary McCarthy, como aliás a muitos sectores hesitantes da esquerda americana, é precisamente uma perspectiva de luta política possível, que a leva a não enquadrar os restantes movimentos de contestação no interior da sociedade americana como forças políticas, pelo menos potencialmente.

Não é sem fundamento que Stokely Carmichael afirma: (A luta só não chega. É preciso estabelecer um programa política). O que, em absoluto, não significa abdicar da utilização dos instrumentos poli-

Não é sem fundamento que Stokely Carmichael afirma: «A luta só não chega. É preciso estabelecer um programa político». O que, em absoluto, não significa abdicar da utilização dos instrumentos políticos que o «sistema» veio fornecer (involuntariamente embora), pelo menos no que se refere à esquerda americana considerada. As recentes eleições primárias vieram em certa medida demonstrá-lo, sobretudo na pessoa de Eugene McCarthy. Não que McCarthy seja, objectivamente, a *esquerda possível*, mas porque o são sim alguns dos diferentes sectores que o têm apoiado e continuam a apoiar. O processo de deterioração interna provocado pela guerra veio revelar, por um lado, a dinâmica da sociedade americana consi-

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

171

Provas enviadas à Censura em  
19 de ..... de 1968



outro lado, o círculo mais apertado da dinâmica do próprio «sistema». No que ao primeiro aspecto se refere, Eugene McCarthy veio estabelecer, ainda que debilmente, a comunicação entre os dois compartimentos: Com todos os benefícios e os inevitáveis perigos que daí decorrem. McCarthy é, apesar de tudo, um homem do «sistema», e a plataforma que lançou, se pôde alargar temporariamente a intervenção de muitos sectores até então à margem da cena política americana (a juventude, por exemplo), veio ao mesmo tempo fornecer um poder de integração no «establishment.» No que ao segundo aspecto se refere — a dinâmica do próprio poder — o debate e a controvérsia que se vêm desenvolvendo no interior do Partido Democrático, constituem um poderoso motor cuja eficiência certamente fará recolher os inevitáveis benefícios na atitude política de americano médio. Sendo isso, afinal, a própria forma de conservar o (poder» e, portanto, de defender o sistema. Muito provavelmente até, os sectores *radicais* ver-se-ão tacticamente constringidos a transferir o seu apoio para Bob Kennedy (que detém «a máquina») quando este ficar só na corrida democrática. Mas a experiência McCarthy terá já aberto um precedente irreversível que oferece motivos para reflexões exemplares.

O assassinato de Martin Luther King veio, indiscutivelmente, lançar

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

376/172



Nº TEMPO E O MODO Nº: 19

Provas enviadas à Censura em

19 de ..... 4 ..... de 1968



de si confuso panorama político americano. Pelo menos na medida em que imediatamente radicaliza o movimento negro, pode empurrar mais para a direita aquelas dos candidatos que mais abertamente têm demonstrado a intensão de fazer algumas concessões à oposição não liberal. O que eventualmente poderá isolar essa oposição, entre a recusa de participar nessa fuga para a direita e o simultâneo receio em acompanhar a radicalização do movimento negro.

Mas, ainda aí, muito mais além daquilo que conclui ou propõe Mary McCarthy, se o dilema é certamente moral, a alternativa, essa, só pode ser política. O que o mesmo é dizer que, da elaboração de um programa mínimo, da progressiva redicação de uma consciência organizada que permite a conjugação política, descolam um sem número de implicações futuras, ainda algo longínquas embora. Com isto, aliás, se está a crêr na vitalidade e na dinâmica interna da própria sociedade americana no seu conjunto, sem subestimar a dinâmica (muito poderosa) dum sistema que teima em consesar o «poder» através dos seus mecanismos tradicionais.

É que a História também se faz lá fora, e não são apenas os Estados Unidos que têm uma palavra a dizer, Entendimento que progressivamente se amplia e que a permanência no vietnam afinal só acelera.

TERMO — CRUZ

ALFREDO BARROSO

273

Jorge de Sena é um homem de defeitos antigos e de qualidades modernas. No seio duma vida intelectual que, por defeito de modernidade, tende ao contrário, pretendendo antes ordeiras qualidades de antanho — que havia de ser do Jorge de Sena?...

Prefiro pôr o problema nestes termos vivenciais porque de outro modo me parece falsear-se, ou fugir-nos, a perspectiva da situação cultural de Jorge de Sena no país que foi e há de voltar a ser o seu.

Das tradições portuguesas guardou então Jorge de Sena uma vontade polémica, uma paixão assoberbante pelas coisas — uma personalização dos problemas. Uma parte não pequena da sua obra de crítico (e de historiador) é feita por causa disto ou daquilo, deste ou daquele, erigida assim de estímulos exteriores nem sempre desejáveis, ou sequer de valer a pena. Falta a Jorge de Sena um poder de distanciação — que nem as milhas de mar ou as duas Américas lhe deram; nisso se define ele como português, leitor e sofredor de jornais lisboetas, com suas críticas e seus silêncios. Falta-lhe concomitantemente o senso do humor — e também nisso ele é português, tão solene em suas sentenças e tão mais sarcástico que ludico...

A estas velhas pechas de escritor nacional, que milagre de conhecimento moderno, porém, nele se opõe!

Jorge de Sena, com a sua «Perseguição» e com a sua «Coroa da Terra», foi o primeiro dos poetas dum novo sistema mental. Após um lirismo confessional e amanhã ingênuamente cantantes, uma voz se eleva que queria saber, não de si nem dos outros, mas do mundo total — que é o único modo real de conhecer, e de serpoeta.

Este mundo em problema e em aflição metafísica entrou assim na poesia portuguesa de meados do século XX — mundividência que um novo processo de modernidade responsabilizou insólidamente. Jorge de Sena foi, nos anos 40, o poeta que, se perguntando perguntava algo de inteligível, num universo abalado e trágico. É ambíguo. A ele cabe, da «Coroa da Terra» para a «Pedra Filosofal» (que tive o gosto de lhe publicar, acreditando mais nele que todos os outros editores de então juntos), a proposta poética desta consciência existencial dum viver alterável, que na própria dúvida, de Deus, das ideias e dos homens, tinha a certeza da sua dignidade. Onde Fernando Pessoa tivera uma irónica presciência Sena iria ter, ou exigir, num outro empenho de vida sem humor, uma ciência, incerta embora. Ao poeta Jorge de Sena cabe assim, cronologicamente, uma função pedagógica estrutural que andava alienada numa ortodoxia de conjuntura. Por isso ele se recusou à aventura barroca do surrealismo — e por isso perante os meus camaradas surrealistas tanto eu tive então de o defender... Agora já se compreenderá melhor a posição angustiada deste homem de entre duas gerações — que recusava amarguradamente o socego ou a lepra («os poetas na leprosaría...») dos seus camaradas mais velhos e apontava, primeiro e cedo, o caminho da inquietação dos que haviam de vir.

...Porque a poesia portuguesa do século XX tem duas datas: Fernando Pessoa e Jorge de Sena. Quanto ao teatro, ele tem uma só data importante que é a d'O Indesejado (1951) — explosão terrível do sebastianismo que exorna ainda os compatriotas do autor.

Jorge de Sena emigrou em 1959. Nessa altura no despedimos em S. Paulo; sete anos depois eu estaria com ele em Boston. Entretanto, Jorge de Sena produzira uma larguíssima obra de crítica, de ousada teorização literária, publicara mais poemas, contos, doutorara-se, tornara-se professor. Os seus livros e os seus êxitos, vindos dum trabalho incessante e duma fenomenal capacidade de produção, suscitam invejas, cabalas, silêncios e cobardias? Só no estrangeiro teve possibilidade de se realizar?

Pudera não! Apenas é preciso saber ver essa perseguição da mediocridade e essa expatriação necessária como dimensões do seu existir na vida nacional. Sem elas, ficaria incompleto o seu retrato de intelectual português, do nosso tempo de vida.

José-Augusto FRANÇA

191

«O TEMPO E O MODO» N.º 53

Provas enviadas à Censura em

24 de ..... de 1964

ENCARGOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES



Recompõe igual

«TEMPO E O MOBO» Nº 59

Revista enviada à Censura em

7 de 5 de 1968



**Text** (adaptado e corrigido) para detectar  
possíveis sinais do síndrome  
«L'Express-Chauvinismo»

1 — Escolha um dos nomes dos colaboradores de «L'Express».

- a — Júlio Dinis.
- b — Charles Mourras
- c — Mitlerling.
- d — Malhoa.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

2 — A linha política do L'Express enquadra-se bem numa das seguintes alíneas:

- a — Confucionismo.
- b — Violinismo.
- c — trans-europ-export-servan-propacil-cauteterismo.

3 — Diga qual das seguintes palavras é mais usual na pena de Servan-Scheiber.

- a — Le Defi.
- a — Defi.
- a — Défi américain.

(Não tente responder mais do que uma vez)

192

4 — Segundo o seu entender ponha por ordem decrescente de importância.

- a — L'Express.
- b — Notícias de Fátima.
- c — Times.
- d — Match.
- e — Elle.

(Não hesite perante as dificuldades)

5 — O L'Express é uma revista tecnocrática destinada a tecnocratas com atraso de ênfase ideológico-cultural.

Faça um desenho)

6 — O que significa L'Express? Você concorda?

7 — Encontre um adjectivo que estabeleça uma ligação entre Jean-Pierre Revel e Françoise Giroud.

(Escreva apenas num dos lados do papel)

8 — Esquematize a posição dos estudantes espanhóis em relação ao tomismo tecnocrático.

9 — Examine o estado de espírito de

- a) Servan-Scheiber meia hora depois de ter escrito *Le Defi Américain*.
- b) Servan-Scheiber meia hora antes de ser vaiado pelos estudantes espanhóis.



193

«O TEMPO É O MODO» N.º 53

Provas enviadas à Censura em

7 de 5 de 1968

10 — Como é que você pode ter sido tão vago e ainda não ter citado *Le Monde*, o jornal de tabuinhas, em suma, a imprensa séria?

(Tem apenas 1 minuto para esta questão)

11 — Que diabo é que quer *L'Express*?

(Apesar de tudo, responda seriamente)

12 — Estigmatize utendaliamente.

a — o pré-gaullismo

b — o gaullismo

c — o pós-gaullismo

13 — Deplora a saída de Jean-Paul Sarte, do *L'Express* escrevendo o dia e o mês (mas não certamente, o ano) que usualmente a tal se atribui.

14 — «*L'Express c'est l'express*». Quem disse isto?

a — Cardeal Saraiva Jr.

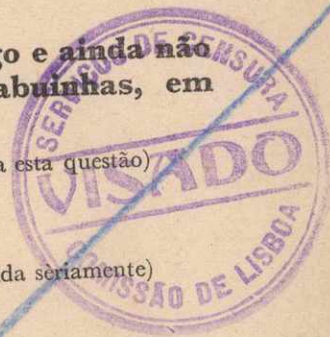
b — François Mitterand.

15 — Seja breve. Descreva em duas linhas a evolução do *L'Express*. De jornal para revista. De revista para.

(Ilustre com desenhos abstractos)

M. C. M.

194





cular» de Régio, (mas pela sua factura anterior a ele, foi consequentemente das primeiras obras a anunciar o retorno a esse caminho, em que a História é apenas a máscara sob a qual o nosso destino presente e comum à transparência se deixa adivinhar.

No Prior do Crato, protagonista da tragédia (o *António, Rei*, a que alude o sub-título, e que, no admirável monólogo do último acto, dolorosamente reconhece ter «nascido antes dos outros e morrer depois deles», sabendo embora que não morre, pois «não morre quem não foi, e eu nunca fui»), opõe Jorge de Sena ao mito sebastianista — de que se tem nutrido tão longamente, desde Baltazar Dias até José Régio, a nossa literatura dramática — a desganhada lucidez de uma condição humana portuguesa que, de 1580 para os nossos dias, só não permaneceu imutável porque, através de sucessivas derrotas, se tornou aflitivamente mais aguda e consciente dos seus limites. Com inteira razão José-Augusto França — a quem cabe a honra de ter sido o primeiro a chamar a atenção para a excepcional importância da peça — viu nela proposto «um retrato novo de homem-português, retrato que se diria existencial, (de) homem do absurdo, homem lúcido, perfeitamente desiludido que, de revés em revés, de antemão sabidos, enganado e com o orgulho de o ser, irònicamente prossegue, e prossequindo é lição de vida».

Assim acabam por equilibrar-se, na medida em que se completam, esta tragédia e as farsas que, depois dela, Sena escreveu: a denúncia cruelmente sarcástica de uma ordem falsificada e contraditória (na medida em que finge desprezar aquilo que ocultamente venera, e vice-versa), tem a sua contrapartida na lucidez trágica de que se acompanha a consciência da sua natureza contraditória. E é indiferente, para a actualidade irrecusável deste teatro, que a acção se situe no século quarto da nossa era, no Portugal de 1580 cu nos dias de hoje, ou até simultaneamente em várias épocas, como na *Quisessa Adúltera*: o seu tempo é este que sofremos na carne e no espírito, tecido das nossas mágoas e dos nossos vícios, dilacerado pelas nossas aflições iluminado pelas nossas esperanças...

...Tempo contraditório, que tornou possível este teatro mas não o palco que a sua natureza mais profunda exige. Ao qual, porém, mais tarde ou mais cedo — e quanto mais tarde, pior para nós — há-de vir a ter acesso.

LUIZ FRANCISCO REBELLO

Terminei — João

200

SERVIÇOS DE CENSURA  
(É DE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

«O TEMPO E O MODO» N.º 59

Provas enviadas à Censura em

7 de ..... 5 ..... de 196...

O P. S. U. surgiu pela aglutinação de várias correntes minoritárias da esquerda francesa, que a guerra da Argélia lançava numa prática de desmitificação da fúria repressiva *outr-mer*. A *Nouvelle Gauche*, agrupada em torno do semanário «*France-Observatene*», funde-se com o MLP... (católicos com apoio operário) e com a *Jeune République* (pequena burguesia) para constituir a *Union de la Gauche Socialiste*. Esta, por sua vez, irá agregar-se ao P. S. A. (cisão de S. F. I. O.), criando o P. S. U.

Os seus quadros radicavam-se, portanto, entre a esquerda socialista, na oposição comunista, no mende-sismo, na «*nouvelle gauche*» e em alguns círculos católicos. O elemento unificador: a guerra da Argélia.

Em 1960, o P. S. U. organiza a primeira manifestação de rua contra a guerra; mais tarde, em 62, propõe a criação de grupos de auto-defesa armada contra a O. A. S.; é ainda o P. S. U. quem lançará palavra de ordem «paz com a Argélia».

Esta *acção de ponta* contra o colonialismo francês iria, porém, determinar ao P. S. U. a quase inviabilidade de se transformar num partido com base de massas e balizado pelo código político-eleitoral-parlamentar da vida nacional francesa.

J. C.



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

201

«O TEMPO E O MODO» N.º.....59

Provas enviadas à Censura em

7 de 5 de 1962.



## AMEMOS A RODÉSIA

A polícia Smithiana propôs um plano para impedir que os negros condenados à morte se suicidassem nas suas celas. Como leões os carcereiros percorriam os corredores da grande prisão, imitando o rugido. O plano não resultou porque os negros nunca tinham visto filmes da M. G. M. Um grande jornal diário perguntou: «Porque não usam gases perfumados?» Uma diligente viúva prometia oferecer o produto da venda dos seus três pinchers anões a favor dos orfãos. Sua Majestade para proteger uma determinada ideia do que foi. British Empire concederia uma preciosa entrevista ao Evesyday's Sunday. Pergunta n.º 1: Que pensa das condenações na Rodésia? Pergunta n.º 2: Ian Smith concedeu pensões às viúvas? Resposta: Ainda não li o jornal.

No comments are allowed to a quen, disse portanto o Forign Office.

Smith dixit (,). O carrasco, um empregado dos correios, declarou: Work is work. E o Rodesian Sun «We are in war against ichtologists. So...» Aliás as justificações abundam, certeiras e idiomáticas. Que ser cineasta, disse o homem da T. U. B. B. C. depois de filmar a austera solenidade. As forcas erguidas? Pormenor sem importância. Um pouco de madeira, corda de nylon, e um padre prashiteriano a postos. O carrasco cospe na corda para lhe dar mais brilho. *Easy hoy, eacy*, diz ao ouvido. Os raids no Vietnam? Interesse nulo. O carrasco iça por fim a primeira bandeira. As outras seguem-se. Paul Valery: avez-vous entenda la fontaine? Moi paz, et je m'en moque hien.

M. C. H.

(1) Ver declarações, notas, adendas, rasuras e outros judiciosos comentários no *Diário de Notícias*.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

202



«O TEMPO É O MODO» N.º 53

Provas enviadas à Censura em

7 de 5



A ULTIMA MORTE DE  
JOÃO XXIII

Aquilo a que o jornal italiano *Rinascita* chama a «realpolitik» de Paulo VI foi ilustrado recentemente por um novo episódio que teve o mérito de dlimitar mais rigorosamente as exactas coordenadas desse realismo: referimo-nos à demissão do Cardeal Giacomo Lercaro, comunicada oficialmente a 12 de Fevereiro.

Vale a pena recapitular os factos: a 15 de Agosto de 1967, o Cardeal Lercaro, Arcebispo de Bolonha e um dos nomes mais famosos do episcopado italiano, era o primeiro, dentre todos os bispos residenciais, a apresentar ao Papa a sua demissão, conforme ao espírito da disposição

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

218

Provas enviadas à Censura em  
... 7 de ..... 5 ..... de 1968

conciliar que pedia aos bispos com mais de 75 anos a resignação dos seus postos. Pouco tempo depois (a 4 de Outubro), Paulo VI recusava essa demissão, pedindo a Lercaro não só que continuasse à frente da diocese de Bolonha, como também que não abandonasse a Presidência da comissão post-conciliar para a reforma da liturgia.

Reconfirmado pelo Papa no seus lugares, o Cardeal iniciou um novo período da sua actividade, marcado predominantemente pela preocupação com a paz mundial (sobretudo no que se refere ao conflito vietnamiano), pela necessidade de diálogo dentro da Igreja e entre crentes e não crentes e pela sua acção renovadora no domínio litúrgico. Em qualquer dos campos, a actuação de Lercaro não deixou de provocar comentários bastante amargos e desfavoráveis da parte dos meios católicos mais conservadores. O episódio mais conhecido deu-se quando da publicação dum livro do escritor italiano integrista Tito Casani, intitulado *A Túnica Rasgada*, em que Lercaro era violentamente atacado. O livro tinha um prefácio do Cardeal Bacci que apresentava o autor como «um perfeito católico» que escrevera essas



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

219

páginas «movido por ardente amor para com a Igreja e o seu revestimento litúrgico». Foi isto em Março de 1967, e como o ataque não era o primeiro, embora fosse de toda a evidência o mais «altamente» inspirado, começou a espalhar-se o boato de que uma campanha visava directamente o Arcebispo de Bolonha e através dele o espírito de João XXIII e do Concílio de que Lercaro parecia ser o mais lídimo representante. Rumores foram ainda postos a correr de uma tensão existente entre Montini e Lercaro, citando-se a propósito palavras deste numa comemoração de João XXIII em que o Arcebispo de Bolonha falara daqueles que procuravam enterrar o espírito daquele pontificado. Na opinião de alguns, tratava-se dum remoque ao próprio Paulo VI. Contudo, à época, o Papa, embora com alguma demora, acabou por intervir favoravelmente a Lercaro, dizendo a propósito d'*A túnica Rasgada* que «essa publicação não pode merecer a Nossa aprovação». No mesmo texto, Paulo VI, viria, porém, como habitualmente, a temperar esta tomada de posição com algumas considerações alarmistas em relação às novas tendências litúrgicas que classificava de «aberrantes».

No mês de Abril, Lercaro anunciava publicamente a sua intenção de se tornar «arauto infatigável da paz» e no último semestre do ano passado o Arcebispo de Bolonha multiplicava iniciativas nesse sentido,



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

220

no mesmo tempo que procedia a uma vigorosa despolitização da Igreja na sua diocese, num sentido que não deixava de preocupar muitos dirigentes demo-cristãos. «*A unidade dos católicos*» — declarou — «*fez-se em torno da Eucaristia e não à volta das urnas eleitorais*». Simultaneamente, aceitava a cidadania de honra das mãos do presidente comunista do município de Bolonha, que recebia, depois, no Palácio Episcopal. Estas atitudes que, em vida de João XXIII, valeram a Lercaro a especial confiança do Pontífice colidiam com a política de moderação e prudência que Paulo VI desde o termo do Concílio vem cada vez mais abertamente prosseguindo e está, talvez, na base de decisões que não podiam deixar de ser consideradas hostis para com a «*linha Lercaro*»: nomeação do Bispo de Mantua, outro «*moderado*» como arcebispo coadjutor com direito de sucessão; demissão de La Valle da redacção do jornal *Avvenize d'Italia* o que levou Lercaro a retirar do novo conselho da administração do jornal o seu representante.

Mas o mais retumbante dos gestos de Lercaro viria a ser a homilia pronunciada na Missa Episcopal de 1 de Janeiro na Catedral de Bolonha em que Lercaro referindo-se à guerra do Vietnam, diria: «*A Igreja não pode ser neutral face ao mal, venha este donde vier; o seu caminho não é a neutralidade mas a profecia (...) E melhor correr o risco da crítica*



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

imediate daqueles que julgam imprudente qualquer acto fiel ao Evangelho do que se vir a ser mais tarde censurado por todos por não se ter sabido — quando ainda era tempo de fazê-lo — contribuir para evitar decisões mais trágicas ou, pelo menos, para esclarecer as consciências à luz da Palavra de Deus» (...) E necessário que a América para lá de qualquer questão de prestígio ou de qualquer justificação estratégica) se decida a terminar com os bombardeamentos aéreos ao Vietnam do Norte».

Os meios officiosos norte-americanos reagiram imediatamente e a «imprudência» do Cardeal foi logo salientada por alguns que a consideraram nociva à linha de mediação e neutralidade que Paulo VI tem procurado servir. Dez dias mais tarde Lercaro era afastado da Presidência do Concilium litúrgico. A 27 de Janeiro chegava a Bolonha um emissário do Papa Mons. Ernesto Givardi. Eis como G. Pecorini descreve o que se passou na revista italiana de grande tiragem *L'Europeu*, numa versão que concordo com a do *Expresso* e da *Rinascita* e que ainda não foi desmentida.

«A 27 de Janeiro, sábado, cerca das 11 da manhã, um Mercedes do Vaticano entrou no jardim da Villa S. Giacomo (...). Do carro, saiu um sacerdote (...). Era Mons. Ernesto Givardi, da Congregação Consistorial. Não tinha entrevista marcada, mas queria ser recebido imediatamente (...). Vinha anunciar-lhe (ao



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

222

Arcebispo) que ele tinha que deixar a Arquidiocese de Bolonha. Que fixasse ele a data, mas com a advertência de que quanto mais depressa a tivesse deixado, melhor seria para todos. O cardeal (...) só pediu um esclarecimento. Quero saber—disse—se essa ordem vem da Cúria ou se é o Papa pessoalmente quem ma dá. Mons. Civardi explicou-lhe que a ordem vinha do próprio Papa (...). E para o demonstrar tirou da carteira um papel. Era uma carta que Lercaro tinha escrito a Pio XII, em Abril de 1952, quando fora nomeado Arcebispo de Bolonha. Nessa missiva agradecia a Pacelli a confiança demonstrada e terminava dizendo: «deixo inteiramente livre Vossa Santidade para me retirar a diocese que agora me dá, em qualquer momento, seja por que razão for, sem qualquer consideração para com a minha pessoa». Montini, deixou perceber Mons. Civardi, aceitava agora o pedido de Lercaro a Pacelli e retirava-lhe a diocese, sem lhe dar razões e sem qualquer consideração pela sua pessoa. Fixada a data da demissão para o dia 12 de Fevereiro, a Santa Sé vinculava-o expressamente ao mais rigoroso segredo. O Cardeal (...) objectou que desejava poder comunicar pessoalmente a notícia aos seus mais directos colaboradores e aos jovens de doze nações do terceiro mundo que eram seus hóspedes no Paço (...). De Roma, daí a alguns dias, o Cardeal Confinderi comunicava a Lercaro



SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

223

que podia dar conhecimento da notícia só a três pessoas: ao seu sucessor, Arcebispo Pomas, ao seu auxiliar D. Giuseppe Dossetti, e ao seu secretário pessoal Mons. Fracoli e que devia estender aos três, bem expressamente, o vínculo do segredo .,

A 2 de Fevereiro, Lercaro comunicou a decisão da Santa Sé, ao seu sucessor; a 11 celebrou a sua última missa episcopal sem poder anunciar aos seus diocesanos a sua saída. No dia seguinte, o *Osservatore Romano* publicava um comunicado oficial em que se dizia: *O Santo Padre acolheu benevolmente o desejo da Sua Eminência Reverendíssima o Senhor Cardeal Giacomo Lercaro de ser dispensado do governo da Igreja Metropolitana de Bolonha devido à sua avançada idade e precária saúde*. No mesmo número, em vez da carta de agradecimento e despedida do Papa que é da praxe para com os Cardeais, uma carta do Secretário de Estado, Cardeal Cicognani (de oitenta e cinco anos de idade) em que se fala da «espontânea decisão» de Lercaro.

Terminei — João

Resta acrescentar que no consenso unânime de todos os que trabalham com o Cardeal as condições de saúde destes são excelentes, bastantes melhores mesmo do que no passado.

Alguns comentadores aproximaram a demissão de Lercaro da do Cardeal Ottavianni. Paulo VI teria querido — segundo eles — afastar ao mesmo tempo dois importantes an-



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

224

tagonistas — afim de mpôr a sua sua política moderada e de contentar (ou descontentar), uma vez mais gregos e troianos. Outros aproximam o discurso do Cardeal sobre o Vietnam da decisão papal e pensqm coisas mais pesadas como por exemplo que o dólar incide em mais que metade do óbulo de S. Pedro (Rinascita 16-2-68); outros ainda desligam-na de actos recentes de Lercaro e aproximam-na das próximas eleições italianas e do receio que o Cardeal rompesse a frente única: outros ainda vêm nela uma vontade de reafirmação do primado de Pedro frente a um Cardeal cuja linha excedia o reformismo prudente de Paulo VI.

Mas para lá dos motivos de fundo, que põe em jogo a noção de colegialidade, tal como foi defendida no Concílio, persiste a forma da «demissão» que nos traz a tempos não muito recuados, mas que alguns católicos julgavam definitivamente ultrapassados. E a pergunta que o caso Lercaro volta a fazer pairar é a mesma a que outros gestos de Paulo VI deram já lugar: será que lampedusianamente, a mudança da Igreja Católica consistiu apenas em permitir que tudo ficasse na mesma. A resposta a esta pergunta coloca colectiva e individualmente problemas de consciência que ninguém hoje tem o direito de ignorar.

J. B. C.



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

225





## BURN, BABY, BURN

A morte violenta do Pastor Luther King foi pelo próprio prevista e anunciada várias vezes. Quem alguma vez tenha lido os seus textos ou seguido a sua actuação facilmente compreenderá que a grandeza e a força interior deste homem não podiam recusar a lucidez da compreensão de que ela seria o remate lógico dum combate como o seu, num país como aquele que julgou ser o dele. «Sei que posso ser morto» — disse King — «Mas se o for quero que cada um de vós diga: «Ele morreu para eu ser livre».

No dia 5 de Abril, nenhum negro americano, mesmo entre aqueles que mais discordaram dos métodos do «big daddy» King, duvidaria de que a sua vida e a sua morte tenham tido essa finalidade. Apenas parece que as certezas não são idênticas quanto aos resultados. Onde, de facto, a lucidez de Martin Luther King talvez não tenha sido igual, é neste último ponto: onde ele pensou ver um sacrifício redentor, viram os negros americanos o sinal de que a causa porque o pastor protestante havia lutado até ao fim era uma causa perdida e que a liberdade prometida se tornara mais longínqua do que nunca.

O paradoxo da morte de King

não está, como os jornais gostaram de titular, na morte violenta do apóstolo da não-violência, mas sim nas reacções que se seguiram à sua morte e que ao espalharem por mais de cem cidades americanas — de Chicago a Baltimore, de Newark a Detroit, de Washington a Los Angeles, de Filadélfia a S. Francisco — a destruição e o sangue, impuseram aos mais poderados dos negros e brancos norte-americanos uma realidade totalmente oposta às crenças e convicções do pastor assassinado: a evidência dum país dividido entre o ódio e a humilhação, a intolerância e o desespero, onde não há lugar para a conciliação, o diálogo e a não-violência.

A esperança formulada por tantos «beaux esprits» — de Paulo VI a U. Thant, de Bob Kennedy a Lindon Johnson — de que o sonho de Luther King não tinha morrido com ele fez figura de platónico e piedoso voto face à realidade destes dias de primavera violenta que a televisão levou às casas de milhões de cidadãos norte-americanos. E o que estes viram, irrecusavelmente, entre os dias que foram do discurso de Johnson ao enterro de King foi a verdadeira imagem que os E. U. A. hoje projectam no mundo dos humilhados e ofendidos de todas as raças e nações. E puderam-se interrogar

SERVÍCIO DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO

232

com John Lindsay, «maire» de Nova Iorque, sobre se a América não estará já demasiado doente para poder receber uma mensagem como a de Luther King.

«Queremos tomar uUa atitude não-violenta mas dramática» disse Martin Luther King ao anunciar as marchas de Memphis e Washington na última conferência de imprensa que deu, a 31 de Março. A resposta foi um acto violento e trágico, que desencadeou o resto, igualmente violento e igualmente trágico. Quando se sabe que essas marchas representavam uma última tentativa da não-violência, para as quais Luther King tinha conseguido, com muita dificuldade e à custa do seu imenso e único prestígio pessoal, a adesão dos chefes do «Black Power»; quando se sabe que elas iriam ter lugar num momento em que o discurso de Johnson permitia acalentar algumas esperanças quanto ao abrandamento da escalada do Vietnam que o próprio Luther King declarara inseparável do triunfo da causa negra; quando se sabe que King vivo era o maior obstáculo à destruição pregada por Carmichael, Rap Brown ou «Le Roi» Jones, quando se sabe tudo isso, um primeiro movimento impele-nos a considerar o absurdo das balas de Memphis e do crime cometido. Mas a um segundo mo-

vimento e quando se conhece o estado de espírito de grupos cada vez mais numerosos de extremistas brancos percebe-se que ele foi um gesto lógico e que o que se quis impedir foi exactamente a possibilidade entrevista. A morte de Luther King é uma prova suplementar desta asserção e do que Malcom X compreendera claramente quando escreveu: «A minha voz é apenas uma voz entre tantas outras. Mas o nosso fim sempre foi o mesmo. E verdade que os meus métodos são radicalmente opostos dos do Dr. King, apóstolo da não-violência, doutrina que tem o mérito de salientar a brutalidade do branco para com o negro. Mas, na atmosfera que é atmosfera actual da América, pergunto-me a mim próprio qual destes dois extremistas o «violento» Malcom X ou o «não-violento» Dr. King será mprto em primeiro lugar» (1). Num artigo intitulado «De quoi est mort Luther King» Júlia Hervé comenta: «Hoje, Stokely Carmichael, Rap Brown, Huey Newton, Le Roi Jones e os numerosos dirigentes negros que preconizam a auto-defesa, retomam para si estas palavras proféticas, porquanto, se são eles, evidentemente, os próximos alvos, a lógica do sistema condena igualmente a inocência da não-violência» (2).

Violentos ou não-violentos, os di-

(1) Cit. por Júlia Hervé «De quoi est mort Luther King» in *Le Monde* 10-4-68.

(2) *Le Monde*, n.º cit.

232



SERVIÇOS DE CENSURA (SÉDE) CORTADO

rigentes negros terão na América o mesmo fim. E não podem deixar de o ter enquanto o seu desejo de emancipação corresponder à destruição do modo de vida dos seus compatriotas brancos que, a custa da miséria e exploração deles, exibem ao mundo o radioso «american way of life». Quanto mais ameaçados se sentirem mais reagirão. Nenhuma reforma prevalece onde uma revolução germina.

Recentemente, no colóquio organizado por O TEMPO E O MODO no Porto, o Júlio Castro Caldas citou uma frase de Simone Weil que diz mais ou menos isto: «Todo aquele que usa a espada morrerá pela espada; mas todo aquele que recusa a espada morrerá pela cruz». Morrer pela espada ou morrer pela cruz será a mera diferença entre as opções de Malcom X e de Luther King? Será esse o único dilema que se põe a Rap Brown ou ao Pastor Abernathy?

Se, num futuro imediato, a resposta parece ter que ser afirmativa, a longo prazo as coisas podem ser diferentes, já que a crucificação dos humanos se não reveste forçosamente do sentido que teve a daquele que gostava de se chamar Filho do Homem. Se a violência continuar, disse aproximadamente o mais novo dos Kennedys, a própria fibra da actual sociedade americana será destruída. A questão reside exactamente neste ponto, isto é, em saber até onde a revolta negra na América terá que consistir nessa destruição, o que inevitavelmente se não fará pelos métodos preconizados pelo Dr. King.

O que os negros da América tem que perguntar junto ao cadáver de Martin Luther King é se o «We shall overcome» que este gostava de cantar se pode tornar na verdade de amanhã sem passar pela «La Carmagnole» de Stokely Carmichael: «Burn, baby, burn».

J. B. C



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
CORTADO